

ANÁLISE DO LIVRO “OS 13 PORQUÊS”: UMA DISCUSSÃO SOBRE O SUICÍDIO SOB A ÓTICA ANALÍTICO COMPORTAMENTAL

THE ANALYSIS OF THE BOOK “13 REASONS WHY”: A DISCUSSION ABOUT SUICIDE THROUGH THE OPTICS OF BEHAVIOR ANALYSIS

Karla Jordana Vendruscolo Defante¹
Natiele Taisy da Silva²
Patrícia Cristina Novaki Aoyama³

DEFANTE, K. J. V.; SILVA, N. T. da; AOYAMA, P. C. N. Análise do livro “Os 13 porquês”: uma discussão sobre o suicídio sob a ótica analítico comportamental. **Akrópolis** Umuarama, v. 25, n. 2, p. 173-188, jul./dez. 2017.

DOI: 10.25110/akropolis.v25i2.6430

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo compreender o comportamento de suicídio por meio da ótica da Análise do Comportamento. Para tanto, foi utilizada a literatura do livro “Os 13 porquês”, que conta a história de uma adolescente que se suicida. Segundo a Análise do Comportamento, as variáveis ambientais afetam a maneira como o indivíduo se comporta no mundo, o contexto ao qual faz parte tem uma importante influência na constituição da história de vida do sujeito. Na obra analisada, a protagonista passa por várias situações aversivas que acabam levando-a ao contexto do suicídio, tais como bullying e violência sexual, que culminaram em vivências de sofrimento muito intensas. Observou-se também que a adolescente não apresentava repertório de enfrentamento, de pedidos de ajuda mais explícitos, além de não possuir uma rede de apoio efetiva que a auxiliasse em suas dificuldades, o que também agravou seu quadro de sofrimento culminando no suicídio.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência; Análise do Comportamento; Análise Funcional; Os 13 porquês; Suicídio.

ABSTRACT: This study aims to understand the behavior of suicide through the optics of Behavior Analysis. For that, the literature of the book “13 Reasons Why” was used, which tells the story of a teenager who commits suicide. According to the Behavior Analysis, environmental variables affect the way the individual behaves in the world, the context to which he is a part has an important influence on the constitution of the subject’s life history. In the book analyzed, the protagonist goes through several aversive situations that end up leading to the context of suicide, such as bullying and sexual violence, which culminated in very intense experiences of suffering. It was also observed that the girl did not present a repertoire of confrontation, of requests for more explicit help, besides not having an effective support network that aided her in her difficulties, which also aggravated her suffering, culminating in suicide.

KEYWORDS: 13 Reasons Why; Behavior Analysis; Functional Analysis; Suicide; Teenager.

¹Discente do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR
E-mail: karla.vendruscolo@edu.unipar.br

²Discente do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR
E-mail: natiele.s@edu.unipar.br

³Mestre em Psicologia. Docente na Universidade Paranaense – UNIPAR
E-mail: pnovaki@prof.unipar.br

INTRODUÇÃO

O suicídio, segundo dados da Organização Mundial da Saúde (2014), é identificado como o terceiro motivo de mortes entre adolescentes nos EUA e o segundo na Europa, sendo que o Brasil é o oitavo país com maior registro de suicídios no mundo. O tema intriga vários pesquisadores por, além de se tratar de um problema de saúde pública, ser um fenômeno complexo e multideterminado, atravessado por estigmas e preconceitos (BRAGA; DELL'AGLIO, 2013).

Neste ano, as discussões e reflexões acerca do assunto intensificaram-se após a divulgação de uma série de suicídios de adolescentes supostamente correlatos ao best-seller "Os 13 porquês". Desse modo, a partir de uma revisão bibliográfica, o intuito do presente trabalho é o de contextualizar o suicídio de Hannah Baker, personagem principal do livro, identificar as variáveis que afetaram sua escolha, bem como a consequência que esta produziu, por meio da ótica da Análise do Comportamento.

O SUICÍDIO E A ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

A análise do livro "Os 13 Porquês" teve como base os fundamentos do Behaviorismo Radical, filosofia esta que permeia a ciência denominada Análise do Comportamento e que estuda a relação do homem com o seu ambiente. Nessa ciência busca-se identificar os padrões de comportamento que as pessoas têm em suas interações e como estes comportamentos funcionam em suas vidas, ou seja, qual a função de apresentar tais comportamentos. O modelo de causalidade utilizado é o de seleção por consequências, que apresenta três níveis de determinação do comportamento, isto é, níveis que afetam o responder das pessoas, sendo eles: filogenético, ontogenético e cultural (MOREIRA; HANNA, 2012).

Como já mencionado, a Análise do Comportamento tem como principal objetivo "analisar as causas do comportamento humano" (SKINNER apud SENNA et al., 2004, p. 84). Para que isso aconteça, como ferramenta de intervenção, utiliza-se da Análise Funcional, que, de acordo com Meyer (2003), é compreendida como a identificação de relações entre o ambiente e o organismo. Desse modo, verifica-se o que acontece antes e depois da emissão da resposta,

para que seja entendido como os antecedentes e as consequências afetam o responder. Emprega-se a Análise Funcional com o intuito de coletar dados, auxiliar o indivíduo a interpretar seu comportamento, bem como propor intervenção para modificação deste quando necessário. Além disso, é necessário que se realize a análise das contingências que mantêm e que selecionam o comportamento, sendo contingência a relação de dependência entre eventos – resposta e consequência, bem como a tríplice contingência (contexto para que a resposta aconteça; resposta e a consequência).

Dessa maneira, os comportamentos são influenciados por uma série de estímulos, sendo estes os punitivos e os reforçadores, os quais afetam a probabilidade do comportamento voltar a ocorrer. Segundo Skinner apud Senna et al. (2004), "o estímulo que aumenta a probabilidade futura de emissão da resposta que o antecedeu é chamado de reforço, enquanto aquele que diminui a probabilidade futura de ocorrência desta resposta é conhecido como estímulo punitivo" (SKINNER apud SENNA et al., 2004, p. 84).

Neste viés, dentre os vários comportamentos que podem ser analisados, destaca-se o comportamento suicida. Estima-se que este seja a causa de aproximadamente um milhão de óbitos por ano, responsável por uma morte a cada 40 segundos, sendo o número de tentativas e ideações ainda maior (OPAS, 2016).

A Organização Mundial de Saúde, citada por Minayo (2005) define o suicídio como o ato intencional de tirar a própria vida, enquanto os comportamentos suicidas são aqueles relacionados ao ato final, como os pensamentos e as tentativas.

O suicídio, segundo Botega e Warlang citados por Nóbrega e Bueno (2014), é quando "[...] o indivíduo, voluntária e conscientemente, executou um ato ou adotou um comportamento que ele acreditava que determinaria sua morte" (BOTEGA; WARLAND apud NÓBREGA; BUENO, 2014, p. 26). Já para Sidman apud Senna et al. (2004), este comportamento é "a fuga das garras de necessidades e coação repentinamente esmagadora, ou de uma vida dominada por reforçamento negativo e punição" (SIDMAN apud SENNA et al., 2004, p. 85).

De acordo com Minayo (2005), desde a Grécia Antiga e por meio dos séculos, o suicídio aparece como tema de discussão, gerando divergência de opiniões, na maioria das vezes relacionadas à cultura e à religião. A partir do sé-

culo XVII, passa a ser visto por meio do conceito patológico, relacionado à depressão. Bertolote apud Gonçalves, Silva e Ferreira (2015) cita que “a mais notável mudança conceitual ocorreu no século XIX com a obra de Durkheim, que propôs que o suicídio era um evento predominantemente sociológico” (BERTOLETE apud GONÇALVES; SILVA; FERREIRA, 2015, p. 66). Ainda segundo este autor, apenas no início do século XXI é que o foco da prevenção do suicídio foi consolidado na saúde pública.

No Brasil, em 2006, foram instituídas as Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio, a fim de ressaltar a importância de se falar sobre o tema, bem como promover a prevenção “de forma articulada entre o Ministério da Saúde, as Secretarias de Estado de Saúde, as Secretarias Municipais de Saúde, as instituições acadêmicas, as organizações da sociedade civil, os organismos governamentais e os não governamentais, nacionais e internacionais” (BRASIL, 2006, Art. 2º). Organizações como o Conselho Federal de Psicologia, Associação Brasileira de Psiquiatria e o próprio Ministério da Saúde publicaram cartilhas explicativas e de orientação aos profissionais de saúde sobre como trabalhar com o tema e ressaltando a importância de discutir este assunto, o qual ainda é considerado um tabu (CFP, 2013; ABP, 2014).

O estudo sobre o suicídio tem aumentado mundialmente por se tratar de um sofrimento comum em vários países e culturas. Até hoje nenhum pesquisador conseguiu atribuir uma resposta objetiva e específica para este fenômeno, considerado complexo por apresentar uma associação entre aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Os estudos sobre o tema são direcionados à tentativa de compreender alguns dos fatores de risco e como estes podem ser ampliados ou reduzidos. (ZORTEA, 2015).

Um dos grandes avanços sobre tal discussão foi o desenvolvimento do *Modelo Integrado Motivacional Volitivo do Comportamento Suicida* (IMV), o qual apresenta uma explicação para o suicídio que supera uma visão estigmatizada, compreendendo o comportamento suicida não apenas como fruto de uma psicopatologia, mas como resultado de diversos atravessamentos. Sendo assim, o IMV explica o suicídio embasado em três etapas. A primeira fase é nomeada de pré-motivacional. De maneira geral, esta parte é caracterizada pela

sensibilidade biológica do indivíduo às expe-

riências da vida, os aspectos de formação de seu repertório de comportamentos, padrões de apego, experiências parentais, eventos marcantes da vida e fatores de gatilho que oportunizam o desenvolvimento da segunda fase (ZORTEA, 2015, p. 04).

Já a segunda etapa é chamada de motivacional por referir-se ao período onde as ideias suicidas são construídas, por meio de diversos e complexos processos psicológicos. Enquanto a última fase é denominada de volitiva, a qual apresenta a análise da lacuna entre a ideação suicida e a materialização de atos que provocam o suicídio (ZORTEA, 2015).

Além disso, o tema desperta interesse justamente por se tratar de um comportamento nunca antes emitido pelo indivíduo que se suicida, isto é, em sua história de vida este comportamento se trata de um novo repertório. Isso é explicado pela Análise do Comportamento a partir do pressuposto de que uma pessoa não precisa, necessariamente, ter emitido determinada resposta e provocado uma consequência (reforçadora) para que o comportamento ocorra nas contingências atuais (BANDINI; DE ROSE apud SAMPAIO, 2012).

Para Sidman apud Banaco (2001), o suicídio também não pode ser explicado por meio de uma história de reforço. O autor afirma que possivelmente a resposta suicida é ocasionada pela presença de reforço negativo e punição na história de vida da pessoa.

Desta maneira, o comportamento suicida pode ser entendido como

uma categoria comportamental, dotada de especificidade comportamental, constituída pelas diversas instâncias contingenciais, que, através de determinados estímulos discriminativos, modelam o comportamento suicida, no qual os estímulos que preponderam são a punição e o reforço negativo (SENNA et al., 2004, p. 85).

Greenberger (1998) apud Nóbrega e Bueno (2014) apresenta a morte como única alternativa para enfrentar a dor psicológica. Deste modo, o suicídio deve ser compreendido como a tentativa de alívio imediato de uma dor causada por algo julgado sem solução pelo sujeito. Porém, “nem sempre a resposta suicida tem a função de tirar a vida de quem a comete, mas a de ser apenas uma tentativa, no sentido de chamar a atenção” (BANACO apud NÓBREGA;

BUENO, 2014, p. 27).

Nesse sentido, Banaco (2001) afirma que há “várias funções da resposta suicida” (p. 212). Primeiramente, o autor apresenta como hipóteses de contingências associadas à simulação de suicídio (caracterizada pela emissão da resposta, mas sem que haja risco para o sujeito), a procura pelo reforçamento social ou a esquiva de punições. Em seguida, como outra categoria, ele cita o indivíduo com ideação suicida, ou seja, aquele que pensa e/ou planeja sua morte, e relaciona esta resposta a transtornos psiquiátricos. A terceira função pode ser notada, principalmente, quando pessoas colocam sua própria vida em risco, como, por exemplo, praticantes de esportes radicais, indivíduos que frequentemente se envolvem em brigas, entre outros. O que mantém tal comportamento é justamente por ele ser reforçado socialmente, pois estes sujeitos serão vistos pela sociedade como corajosos e admirados. Mesmo se ocorrer a morte, esta será compreendida pelos demais como involuntária. Já a próxima função citada pelo autor é a tentativa de suicídio. Esta, por sua vez, pode ser uma resposta frente à aversividade do ambiente ou a falta de reforçador social. Diante disto, duas possíveis consequências podem ser apontadas: a simpatia ou o desprezo. Ainda segundo o autor, a primeira reforça o comportamento suicida, enquanto a segunda tornaria o ambiente ainda mais aversivo. Porém, ambas aumentariam a chance da resposta voltar a acontecer. Portanto, “a alternativa seria retirar a aversividade do ambiente (se possível) e apresentar reforçadores positivos a respostas gradativamente incompatíveis à tentativa de suicídio” (BANACO, 2001, p. 213). Por fim, o autor cita o suicídio em si.

Dessa forma, possíveis causas do suicídio são levantadas, como por exemplo: 1) sentimento de incapacidade de suprir as demandas sociais, sejam elas de amigos, de familiares ou da comunidade, 2) a fuga de violências. Ademais, a perda de intensos reforçadores, o cansaço (por exemplo a idade avançada e a constante restrição) ou o uso do seu próprio corpo para protestar estão relacionados ao suicídio. Banaco (2001) relata ainda que alguns rituais religiosos violentos, fonte de reforçadores positivos, também se enquadram como comportamento suicida.

Além disso “as adversidades familiares se apresentam como principal risco de suicídio” (REYES; TORRES apud SCHLOSSER; ROSA; MORE, 2014, p. 138), sendo que entre os de-

terminantes emocionais é possível mencionar “a repressão emocional, tristeza, necessidade de afeto, busca por valorização, baixa autoestima, sentimento de culpa e inferioridade, timidez, violência e restrição social como fatores potencialmente de risco a comportamentos suicidas” (CAMPO et al. apud SCHLOSSER; ROSA; MORE, 2014, p. 138).

Algumas classes de respostas podem estar correlacionadas com o comportamento suicida, entre eles: o isolamento, a restrição de amizades, a quietação, a tristeza, a mudança na comunicação, a ausência de expressão facial, o insucesso e a pressão sobre o desempenho, alterações na família, sentimentos de desesperança e desespero, além de entrar em perigo sem necessidade, envolver-se com drogas lícitas ou ilícitas, comportamento submisso ou violento e se desfazer de pertences (BANACO, 2001).

De acordo com Dutra apud Braga e Dell’Aglío (2013), em diferentes culturas, os indivíduos que cometem suicídio apresentam as mesmas características, sendo eles: “indivíduos do sexo masculino, adultos e solteiros” (DUTRA apud BRAGA; DELL’AGLIO, 2013, p. 9). Esse modelo só se difere na China e na Índia, onde a maioria dos suicídios são vindos de mulheres.

Neste viés, as mulheres também são campeãs em tentativas de suicídio, tanto no Brasil quanto em outros países (TORO et al. apud BRAGA; DELL’AGLIO, 2013). Vale ressaltar que as tentativas de suicídio entre as mulheres acontecem principalmente entre as solteiras e jovens (DUTRA apud BRAGA; DELL’AGLIO, 2013).

Estudos afirmam que o pequeno número de suicídios consumados entre as mulheres está correlacionado a alguns fatores de proteção, tais como: a religião e a espiritualidade, a baixa incidência de alcoolismo e “atitudes flexíveis em relação às aptidões sociais e ao desempenho de papéis durante a vida” (MENEGHEL et al. apud BRAGA; DELL’AGLIO, 2013, p. 9). Além do mais, é comum que haja a identificação de sintomas de risco mais cedo entre as mulheres, sendo que elas são mais propícias a reconhecê-los e aceitá-los, devido a uma rede de apoio mais intensa e ampla do que a dos homens. Nesse sentido, frisa-se que os homens possuem fatores de risco associados a uma construção histórica e cultural sobre a masculinidade e seus papéis, sendo que “tais aspectos podem incluir a competitividade, a impulsividade e o maior acesso a tecnologias letais e armas de fogo. Além disso, os homens são mais sensíveis a aspectos

relacionados ao trabalho, ao desemprego e ao empobrecimento” (MENEGHEL et al. apud BRAGA; DELL’AGLIO, 2013, p. 10).

Para Prieto e Tavares (2005) apud Braga e Dell’Aglio (2013), “situações de violência física, sexual, negligência e rejeição na infância e na adolescência” (PIETRO; TAVARES apud BRAGA; DELL’AGLIO, 2013, p. 8), além de alterações nas condições de vida do sujeito (por exemplo: a separação dos pais e a perda de pessoas importantes) e a dificuldade em lidar com demandas e expectativas sociais podem ser grandes fatores de risco e estarem intrinsecamente associados à busca pelo suicídio (WERLANG et al. apud BRAGA; DELL’AGLIO, 2013).

É válido ressaltar que, apesar da grande maioria dos suicídios estarem relacionados a estes aspectos, não é regra que todo indivíduo que esteve em tais situações suicidou-se. O suicídio pode pertencer a uma série de classe de respostas, apresentando diversos propósitos e sendo multideterminado (BANACO apud SAMPAIO, 2012).

Nesse sentido, ao comportamento suicida não pode-se atribuir somente um fator como determinante, sendo ele uma sucessão de eventos que fazem o sujeito chegar à decisão final. Antes de qualquer afirmação, deve-se investigar todas as variáveis presentes na história de vida desse indivíduo: suas relações familiares, de trabalho, relações afetivas e de amizade, histórico de transtornos psicológicos, perda recente de algum reforçador positivo, entre outros. Enfim, “uma análise profunda deve ser conduzida com fins ao levantamento de conclusões que considerem o máximo possível de variáveis relacionadas, a interação entre elas e o índice de influências mútuas dessas variáveis”. (NOCK et al. apud ZORTEA, 2015, p. 2).

Já para Baptista et al. apud Nóbrega e Bueno (2014), existem alguns aspectos que podem ser capazes de diminuir as chances de um sujeito buscar pelo suicídio, mesmo este sendo um comportamento complexo e intrincado, tais como: o sentimento de ser responsável com a família, a reprovação da religião e moral deste ato, a capacidade de lidar com as dificuldades, bem como uma intensa e resistente rede de apoio.

Nesse sentido, uma rede de apoio efetiva e integradora, bem como uma autoestima positiva, a percepção de que precisa solicitar ajuda, a consciência de novas possibilidades e

novas vivências podem agir como um meio de proteção no que se refere ao comportamento suicida (BASTOS apud SCHLOSSER; ROSA; MORE, 2014).

ADOLESCÊNCIA E A ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Skinner apud Bettio e Laurenti (2016) diz que as mudanças comportamentais sofridas pelos indivíduos ao longo do seu desenvolvimento não podem ser atribuídas unicamente à herança genética ou à idade. O autor reconhece a importância das variáveis genéticas. Concorda que existe alguma regularidade nos acontecimentos de cada fase de vida e, que essa regularidade pode ser atribuída à idade em que o sujeito se encontra. Porém, defende que considera que os comportamentos acontecem somente em razão destas é excluir as possibilidades de intervenção no processo de desenvolvimento.

Para ele, as mudanças não ocorrem em virtude do tempo que passa, mas sim do que acontece durante esse tempo. Em outros termos, as mudanças se dão de acordo com as contingências existentes nas relações (SKINNER apud BETTIO; LAURENTI, 2016).

De acordo com Gil, Oliveira e Souza (2012),

uma análise comportamental do desenvolvimento requer, como em toda a abordagem comportamental, que sejam identificadas as variáveis ambientais funcionalmente relacionadas com as variáveis do organismo para se compreender o modo pelo qual tais relações são estabelecidas, mantidas e modificadas desde as primeiras interações entre o bebê e seu ambiente. A análise funcional das relações entre organismo e suas respostas é a pedra de toque da concepção comportamental do desenvolvimento e a ferramenta para se buscar as respostas sobre por que, como e com quais resultados o desenvolvimento humano acontece (GIL; OLIVEIRA; SOUZA, 2012, p. 129).

Em suma, segundo Bettio e Laurenti (2016), Skinner utilizou-se do conceito desenvolvimento para demonstrar que as mudanças ocorrem por meio dos processos biológicos, ontogenéticos e culturais que permeiam a vida dos indivíduos e, mesmo que considere que essas mudanças podem estar relacionadas com a idade, o tempo não deve ser utilizado como um de-

terminante de comportamento.

Desse modo, pode-se considerar a adolescência como um período de tempo do processo de desenvolvimento e que, conforme o exposto, os comportamentos apresentados nesse período são multideterminados.

A adolescência é marcada por uma fase de muitas mudanças, físicas e psicológicas, dificuldade de relacionamento do adolescente com aqueles que o cercam, desenvolvimento da autoimagem e formulação de valores e julgamentos acerca de si e dos outros, além de ser o momento em que o indivíduo começa a criar habilidades para adentrar em novos relacionamentos, quaisquer que sejam (ARNETT apud FERNANDES et al., 2008; KRISTENSEN et al. apud FERNANDES et al., 2008; BANACO, 1995)

Ainda de acordo com Banaco (1995), a rapidez com que acontecem as transformações nos adolescentes “assusta e incomoda a todos os que estão envolvidos com o adolescente e a ele próprio” (BANACO, 1995, p. 143), o que torna o convívio difícil e a comunicação um desafio.

Diversos fatores podem tornar o adolescente vulnerável a problemas, como frequência de eventos estressores, baixa escolaridade, famílias numerosas ou uniparentais, estresse, doença mental e violência familiar, mudanças importantes no estilo de vida (separação dos pais, mudança de escola), condições estressoras crônicas (pobreza, deficiências no desenvolvimento físico e emocional, conflitos familiares constantes) e problemas do dia-a-dia (provas escolares, disputas com amigos e discussão com os pais) (FERNANDES et al., 2008, p. 2).

Segundo Caseiro (2016), a adolescência é uma fase instável, em que o jovem busca encontrar sua identidade, se autoafirmar no mundo enquanto conquista sua liberdade, passando por todas as dificuldades de não se reconhecer mais como criança, mas ainda não ter as incumbências de adulto. Por ser uma fase marcada por tantas mudanças, os sintomas depressivos são comuns e devem ser tratados com atenção, uma vez que têm sido preditores de comportamentos suicidas.

SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA

Tendo em vista tudo o que foi exposto acima, faz-se necessário compreender brevemente o que a literatura diz sobre o suicídio na

adolescência, a fim de que estas informações sirvam como sustento para a referida análise.

A adolescência, por se tratar de uma fase marcada por crises e transformações físicas, psicológicas e culturais, é identificada como o período com maior índice de comportamentos suicidas (PÉREZ-OLMOS et al. apud SCHLOSSER; ROSA; MORE, 2014).

Segundo Escóssia (2017), as pesquisas realizadas sobre o assunto intensificaram-se no ano de lançamento da série originada do livro “Os 13 porquês”. Além disso, entre os brasileiros, dados revelam que este fenômeno vem aumentando constantemente desde 1980. “Em 1980, a taxa de suicídios na faixa etária de 15 a 29 anos era de 4,4 por 100 mil habitantes; chegou a 4,1 em 1990 e a 4,5 em 2000. Assim, entre 1980 a 2014, houve um crescimento de 27,2%” (ESCÓSSIA, 2017, p. 1).

Para Botega (2014), estes números podem ser ainda maiores, tendo em vista que estes dados são, muitas vezes, encobertos pelos próprios hospitais. Além das subnotificações e dos sub-registros, há casos de suicídios que são camuflados sob outras nomeações, como: “acidente automobilístico, afogamento, envenenamento acidental” (p. 232), sem contar nas mortes que são registradas sem causa determinada.

Os dados da Organização Mundial de Saúde, em 2012, alertam que o suicídio foi a segunda principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos no mundo, sendo que, na América Latina, a cada oito jovens entre essa idade, um tenta suicidar-se (PSIC apud SCHLOSSER; ROSA; MORE, 2014).

Em um estudo realizado por Chavira et al. apud Caseiro (2016), verificou-se que um jovem diagnosticado com depressão está quatro vezes mais em risco de suicídio comparado a jovens sem o diagnóstico. Outros estudos demonstram, ainda, que existem diferenças nos sintomas entre sexo feminino e masculino, as meninas apresentam maiores sintomas depressivos, bem como estão expostas a maiores fatores estressantes (HANKIN; MERMELSTEIN; ROESCH apud CASEIRO, 2016).

No Brasil, uma pesquisa realizada com adolescentes entre 15 e 19 anos de Porto Alegre, constatou que ideações suicidas são mais frequente em meninas. Este estudo vem de encontro com o que é apresentado na literatura sobre o assunto, reforçando que indivíduos do sexo masculino estão mais dispostos ao suicídio, enquanto os do sexo feminino são mais ten-

dentos à ideação suicida (ABASSE et al., 2009).

Avanci et al. apud Braga e Dell'Aglio (2013) observaram a diferença dos métodos utilizados entre meninos e meninas. Métodos violentos como “enforcamento, pular de locais altos, uso de arma de fogo ou armas brancas, dentre outros” (BRAGA; DELL'AGLIO, 2013, p. 10) são mais usados pelos meninos, enquanto as meninas preferem utilizar altas doses de fármacos. Estas discrepâncias entre gêneros, segundo Marín-Leon e Barros apud Braga e Dell'Aglio (2013), pode se dar porque homens e mulheres são ensinados a se comportar de maneiras distintas. Na cultura ocidental, por exemplo, as expectativas acerca das meninas são para que elas sejam “delicadas, contidas e menos agressivas que os meninos” (MARÍN-LEON; BARROS apud BRAGA; DELL'AGLIO, 2013, p. 10).

Quanto à discussão acerca da facilidade de acesso a armas, a partir de pesquisas norte-americanas, identificou-se que a presença de arma de fogo em casa pode ser um importante fator de risco por ser um método de fácil acesso. Aliás, este é um dos meios mais utilizados para suicidar-se pelos adolescentes dos EUA, onde o porte de tal instrumento é permitido (SCHWARTZ et al. apud BRAGA; DELL'AGLIO, 2013).

Ainda,

uso de substâncias psicoativas, perda de alguém próximo por suicídio, acesso a armas de fogo, ser vítima de algum tipo de violência, transtornos psiquiátricos, questões socioeconômicas, problemas de interação social, abuso físico e/ou sexual, eventos estressantes, mudanças constantes de domicílio, falta de suporte social, conflitos intrafamiliares, transtornos alimentares e alterações neuropsicológicas também são apresentados como fatores potencialmente de risco na infância e adolescência (SCHLOSSER; ROSA; MORE, 2014, p. 138).

Nos adolescentes, outro importante elemento de risco é o histórico de suicídio em pessoas próximas (TORO et al. apud BRAGA; DELL'AGLIO, 2013). Esse tipo de comportamento é conhecido como “imitação ou contágio” (MERCY et al. apud BRAGA; DELL'AGLIO, 2013, p. 7) e pode ocorrer pela perda de alguém importante ou pela exposição de outros suicídios na mídia (DABER; BAPTISTA apud BRAGA; DELL'AGLIO, 2013).

Os pesquisadores explicam que os casos de

suicídio estampados em jornais, televisão ou internet podem “contagiar” outras pessoas que estão procurando uma solução para seus problemas, principalmente adolescentes ou jovens com problemas psiquiátricos ou mentais. A situação será agravada se o adolescente tiver presenciado a história de suicídio de um familiar ou conhecido, pois esse se torna um comportamento apreendido como forma de resolução de conflitos, aumentando, assim, os casos de suicídio através das gerações (BRAGA; DELL'AGLIO, 2013, p. 7).

Além disso, ressalta-se que os números de suicídios entre adolescentes podem ser esclarecidos, muitas vezes, pela “dificuldade de muitos jovens de enfrentar as exigências sociais e psicológicas impostas pelo período da adolescência” (STEINBERG apud BRAGA; DELL'AGLIO, 2013, p. 6). Isso porque os adolescentes, nessa fase, podem vivenciar mudanças, se apropriar de novas habilidades e encarar vários obstáculos, que podem os levar a “desenvolverem pensamentos e comportamentos suicidas” (BRAGA; DELL'AGLIO, 2013, p. 6).

Pesquisas mostram que, para os adolescentes “terem uma vida e um crescimento saudável, precisam ter liberdade, ter bons pais, ter amigos, ter uma boa escola, ter segurança, ter dinheiro, em outras palavras, precisam ter apoio e um ambiente seguro” (MARTINS; TRINDADE; ALMEIDA, 2003, p. 567).

Sendo assim, tratando-se de fatores de proteção ao suicídio na adolescência, o desenvolvimento de vínculos familiares e sociais pode agir como importantes agentes de escuta e de cuidado (BRAGA; DELL'AGLIO, 2013). “Compreende-se, dessa forma, que o suporte familiar durante a adolescência pode servir como amortecedor para os eventos estressores de vida, constituindo-se em importante fator de proteção ao suicídio” (KOKKEVI et al. apud BRAGA; DELL'AGLIO, 2013, p. 8-9).

Além disso, principalmente na adolescência – quando as relações extrafamiliares são de grande influência –, outros vínculos podem ser importantes fatores de proteção ao suicídio, já que contribuem significativamente para o desenvolvimento dos adolescentes (DAUDT et al. apud BRAGA; DELL'AGLIO, 2013).

Entende-se que as experiências vividas no grupo de pares podem ser muito significativas e influenciar as características individuais dos adolescentes, incluindo comportamen-

tos, temperamentos, cognições e habilidades para resolução de problemas, além de influenciar na sua autoestima e amenizar o impacto de eventos estressores, constituindo-se em importante fonte de apoio emocional e social (DAUDT et al. apud BRAGA; DELL'AGLIO, 2013, p. 5-6).

Portanto, uma rede de apoio concreta desenvolve “sentimentos de bem-estar, autoestima elevada, capacidade para buscar ajuda em situações necessárias, abertura a novas experiências, flexibilidade emocional e confiança em si mesmo” (WERLANG et al. apud SCHLOSSER; ROSA; MORE, 2014, p. 139).

Dutra apud Braga e Dell'Aglio (2013) afirma que grande parte dos adolescentes “relatam sentir falta de ter amigos e reclamam não ter ninguém para dividir experiências e tristezas” (DUTRA apud BRAGA; DELL'AGLIO, 2013, p. 5). Nesse sentido, Prieto e Tavares (2005) apud Braga e Dell'Aglio (2013) também sinalizam que a solidão e a ausência de outras pessoas com quem possam compartilhar vivências intensificam o risco nesta idade, já que é essencial que o adolescente mantenha convivência e vínculos fortalecidos.

Outro importante aspecto de proteção, tão considerável quanto os outros citados, refere-se à possibilidade de os adolescentes falarem sobre seus sentimentos e pensamentos (MELO et al. apud BENINCASA; REZENDE, 2006).

Portanto, diante do que foi exposto, verifica-se que, na adolescência, os indivíduos mostram-se mais sensíveis aos fatores de risco, devido às inúmeras transformações e estímulos recebidos do meio social, necessitando de um olhar cuidadoso acerca de seus comportamentos (BRAGA; DELL'AGLIO, 2013).

O LIVRO “OS 13 PORQUÊS”

O romance de Jay Asher apresenta a história de Hannah Baker, uma adolescente que comete suicídio, deixando uma sequência de fitas gravadas para as treze pessoas consideradas por ela motivos de sua decisão, sendo que apenas as mencionadas nas gravações podem recebê-las e ouvi-las. Nesse sentido, o livro é narrado por Clay Jensen, colega de classe da garota que, após receber o pacote com as fitas, começa uma busca incessante para, além de compreender a escolha de Hannah, entender por que ele também está entre os culpados pelo

seu suicídio.

Fita 1, lado A (motivo 1) – Justin Foley: A primeira razão citada pela protagonista é considerada por ela como a desencadeadora de eventos determinantes para a sua busca pelo suicídio. Este motivo refere-se ao primeiro tão sonhado beijo de Hannah, o qual aconteceu com Justin, da maneira planejada pela menina. Porém, ele, a fim de se gabar para seus amigos, distorceu toda história, inventando que havia acontecido coisas além do beijo durante o encontro dos dois, dando início aos primeiros boatos sobre a personagem.

Fita 1, lado B (motivo 2) – Alex Stoddard: Este personagem foi um dos primeiros amigos de Hannah na cidade, sendo que ambos trocavam experiências e vivências no começo do livro. Ele é mencionado nas fitas por ser autor de uma lista que circulava na escola, a qual listava a protagonista como “a melhor bunda do primeiro ano”. Para Hannah, a “brincadeira” expôs seu corpo e deu abertura para que outros estudantes a tratassem como um objeto.

Fita 2, lado A (motivo 3) – Jessica Davis: Hannah e Jessica eram novatas na escola e se conheceram ainda nas férias escolares, quando foram chamadas pela orientadora para serem apresentadas uma a outra. As duas também se aproximaram de Alex e durante alguns dias fizeram companhia uma para outra e transformaram uma cafeteria da cidade em um refúgio. Mas, na lista de Alex, Jessica era “a pior bunda do primeiro ano”, comparada com Hannah. Isso fez com que as duas se afastassem e o grupo de amigos fosse desfeito.

Fita 2, lado B (motivo 4) – Tyler Down: Ao chegar em casa, na primeira noite de férias de seus pais, Hannah ouve diversos cliques vindos de fora da janela de seu quarto, como se alguém estivesse a fotografando. No outro dia, a adolescente divide sua angústia sobre o ocorrido na noite anterior com uma colega de classe, a qual se propõe a ajudar Hannah a flagrar o fotógrafo misterioso. Mais tarde, neste mesmo dia, no quarto de Hannah, as adolescentes começaram a massagear uma a outra e a insinuar que Hannah guardava objetos em sua gaveta, a fim de provocar o fotógrafo e pegá-lo no flagrante. Porém, ele foi rápido e o plano falhou. Hannah só descobriu que a pessoa que a fotografava era Tyler depois de interrogá-lo e ele lhe responder de forma defensiva. Hannah descreveu esta história como a mais perturbadora, pois Tyler a fez ficar com medo até de sua própria casa, um lu-

gar que deveria ser seguro.

Fita 3, lado A (motivo 5) – Courtney Crimsen: A colega que ajudou Hannah em seu plano de flagrar o fotógrafo da fita anterior era Courtney, uma menina conhecida por ser solidária e simpática com todos da escola. Para Hannah, isso era apenas pose, uma maneira de usar os outros para conseguir o que queria. Após a armadilha para a tentativa de descobrir Tyler, durante alguns dias Courtney ignorou Hannah, que só voltou a procurá-la quando precisou de carona para ir a uma festa. Por achar que estavam tornando-se amigas, Hannah aceitou o convite. Na festa, Courtney disseminou o boato de que a protagonista escondia segredos na gaveta de sua penteadeira, dando liberdade para que os outros acreditassem ainda mais na má reputação de Hannah.

Fita 3, lado B (motivo 6) – Marcus Cooley: As líderes de torcida da escola organizaram um questionário para cruzar dados e classificar as pessoas que, possivelmente, poderiam ser sua alma gêmea. Hannah foi classificada como a melhor pretendente para Marcus Cooley, um garoto engraçado e que sempre salvava as aulas com uma de suas piadas. Esse, então, a convidou para um encontro na sorveteria da cidade. Durante o encontro marcado, Marcus tocou o corpo de Hannah sem seu consentimento, pautando-se em liberdade que fofocas e boatos o deram. Após o acontecimento, Hannah pensou pela primeira vez em suicídio e questionou-se sobre o controle que tem sobre sua própria vida.

Fita 4, lado A (motivo 7) – Zach Dempsey: Hannah conta que Zach é um dos amigos de Marcus, e tentou se aproximar dela após o ocorrido na fita anterior. Contudo, a protagonista não permitiu. O livro conta que os dois cursavam uma matéria em comum na qual os alunos possuíam um saquinho de papel para que os colegas pudessem depositar palavras de incentivo, ou fazer elogios. Hannah sinaliza que, neste momento, para se vingar, Zach roubou os bilhetes que recebera, tirando dela o seu mínimo de esperança. Além disso, Hannah conta que em uma destas aulas, o assunto suicídio foi levado para discussão (sugerido por ela, por meio de um feedback colocado no saquinho da professora), sendo que alguns dos colegas de classe da personagem mostraram-se preocupados e disponíveis para ajudá-la, enquanto outros a julgaram.

Fita 4, lado B (motivo 8) – Ryan Shaver: A protagonista conheceu este personagem em um grupo de poesias da escola. Ryan era

editor de um jornal que circulava no âmbito escolar e logo os dois tornaram-se amigos. Porém, Hannah percebeu que um de seus poemas foi roubado e publicado no jornal da escola. A escrita ficou conhecida entre alunos e professores, sendo que chegou a ser discutido em sala de aula. No livro, Hannah diz que pode não parecer nada demais, mas que ela já não sentia-se segura após os diversos acontecimentos relatados até esta fita e que, após a publicação de seu poema, era como se seus pensamentos também estivessem expostos para serem ridicularizados.

Fita 5, lado A (motivo 9) – Clay Jensen: Hannah gostaria que Clay soubesse dos diversos motivos que a levaram à decisão de suicidar-se, por isso ele aparece nas gravações. Os dois trabalharam juntos no cinema durante as férias e, segundo Hannah, Clay foi a única pessoa a qual ela se sentiu realmente conectada. Durante uma festa, o narrador tentou se aproximar de Hannah, sendo que o intenso sofrimento da protagonista fez com que ela preferisse o afastar. Hannah assume que, por mais que Clay tivesse tentado, mesmo que indiretamente eles nunca mais se falaram.

Fita 5, lado B (motivo 10) – Justin Foley: Justin aparece novamente como um dos motivos do suicídio de Hannah. Desta vez, ele foi culpado pela protagonista por ter permitido que um de seus amigos violentasse Jessica durante uma festa, enquanto essa encontrava-se desacordada pela alta ingestão de bebida alcoólica. Hannah presenciou a cena escondida dentro de um closet.

Fita 6, lado A (motivo 11) – Jenny Kurtz: Após o estupro de Jessica, Hannah decidiu ir embora da festa. Ao encontrar a protagonista desorientada, Jenny oferece carona. No percurso, as duas batem o carro e derrubam uma placa de sinalização. Naquela noite, naquele cruzamento, houve um acidente devido à falta de sinalização e um dos motoristas morreu. Hannah se sentiu culpada por não ter evitado o acidente e culpa Jenny pelo ocorrido.

Fita 6, lado B (motivo 12) – Bryce Walker: Em outro momento, Hannah estava tomando conta da residência de um amigo da família enquanto acontecia uma festa em uma casa próxima. Após não ouvir mais barulho oriundo da festa, Hannah decidiu sair para caminhar. Ao passar na frente da casa onde ocorria a festa, encontrou Bryce e Courtney em um ofurô. O menino a convidou para entrar e Hannah juntou-se a eles. Courtney deixou os dois sozinhos

e Hannah foi violentada por Bryce. A protagonista diz que não evitou o contato com Bryce, mas que nunca se sentiu atraída por ele, que sentia nojo, disse ainda que estava usando-o para se abandonar por completo.

Fita 7, lado A (motivo 13) – Sr. Porter:

Em uma tentativa de pedir ajuda e de lutar pela vida, percebendo que não estava conseguindo lidar com isso sozinha, Hannah procurou seu orientador. A protagonista tentou explicar quão difícil e pesado estava para ela, bem como relatou se sentir sozinha e não ter amigos. Chegou a tentar lhe contar sobre sua última terrível experiência. Porém, o professor, apesar de ouvi-la, apresenta a ela duas escolhas, sendo elas: confrontar a pessoa que lhe faz mal ou seguir em frente. Desiludida com a resposta que ouve, sem esperança de que as coisas melhorassem, Hannah vai embora e executa seu suicídio.

A COMPREENSÃO ANALÍTICO COMPORTAMENTAL DAS CONTINGÊNCIAS ENVOLVIDAS NO COMPORTAMENTO SUICIDA DE HANNAH BAKER – PROTAGONISTA DO LIVRO “OS 13 PORQUÊS”

Durante toda a narrativa e explicação das motivações que levaram Hannah a tomar tal decisão, a adolescente demonstra que uma sucessão de eventos aversivos se entrelaçaram e se acumularam como uma bola de neve até chegarem ao suicídio. Em alguns momentos, Hannah relata a vontade de continuar vivendo, mas assume que tudo foi ficando cada vez mais pesado e difícil para ela.

Sendo assim, para a compreensão do comportamento do suicídio de Hannah Baker, será utilizado o referencial teórico da abordagem Analítico Comportamental.

Para a Análise do Comportamento, o comportamento operante é controlado pela relação entre os eventos antecedentes e suas consequências, sendo que uma das formas de controle mais utilizada é a coerção, caracterizada pela aversividade e pelos efeitos na vida do indivíduo. É considerado coerção todo aquele comportamento que é “controlado por reforçamento negativo ou punição” (SIDMAN apud SOUZA; REIS, 2012, p. 1).

Nesse sentido, de acordo com Moreira e Medeiros (2007), reforçamento negativo é a probabilidade de um comportamento voltar a ocorrer por meio da retirada de estímulos aversivos do ambiente. É importante entender seu funcio-

namento para analisar as situações cotidianas controladas por reforço negativo. Por exemplo, as pessoas respeitam as leis e regras estabelecidas para evitar as punições que lhe podem ser aferidas, em vez de respeitá-las, porque isso lhe traz alguma recompensa. Existem dois tipos básicos de comportamento que são mantidos por reforçamento negativo e que é imprescindível seu entendimento: comportamento de fuga e de esquiva.

O comportamento de fuga acontece quando o estímulo aversivo já está presente na situação e o comportamento apresentado é com a intenção de fugir dessa aversividade. A esquiva caracteriza-se por comportamentos emitidos para evitar entrar em contato com o que é aversivo. Dessa forma, a esquiva pode ser considerada uma forma de prevenção e a fuga como mediação, o que faz com que o comportamento de esquivar-se seja mais comumente apresentado. Vale ressaltar que fuga e esquiva só são comportamentos mantidos em contingências de reforçamento negativo, sempre com o objetivo de se livrar de algo ruim (MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

Para Skinner, “a punição destina-se a eliminar comportamentos inadequados, ameaçadores ou, por outro lado, indesejáveis de um dado repertório” (SKINNER apud MOREIRA; MEDEIROS, 2007, p. 69 e 70). Existem dois tipos de punição: a negativa e a positiva. A primeira é caracterizada pela retirada de um estímulo reforçador, enquanto, na segunda, há o acréscimo de um estímulo aversivo no ambiente. Ambas diminuem a probabilidade de um determinado comportamento reincidir. Porém, se houver a remoção das contingências punitivas, estes comportamentos tendem a ser novamente repetidos.

Segundo estudos realizados pela Análise do Comportamento, os comportamentos de fuga, esquiva e contracontrole podem apresentar-se como efeitos da punição. A pessoa agredida quer se livrar da agressão e, por isso, foge dela. A fuga e a esquiva não favorecem a exposição a novas contingências, isso porque paralisam o indivíduo, fazendo com que apresente dificuldades de relacionamento social. Já o contracontrole acontece quando a pessoa discrimina a forma de controle, passando a ser o controlador e não o controlado (SOUZA; REIS, 2012).

Ao analisar os comportamentos da protagonista do livro, identificamos justamente um modelo de comportamento com as característi-

cas citadas acima. É possível observar o padrão de fuga e esquiva em praticamente todas as fitas narradas pela personagem. Nas diversas agressões sofridas, o comportamento de Hannah foi o de se manter em silêncio diante do agressor e não contar para ninguém o que lhe incomodava, evitando entrar em contato com mais contingências aversivas.

É necessário compreender que falar sobre o que sente é uma importante habilidade, pois o outro só toma conhecimento dos eventos encobertos de alguém por meio de seu relato (SKINNER apud GRANDI, 2015).

A dificuldade em compartilhar sentimentos, muitas vezes, pode ser justificado pela punição do comportamento de relatar ou por que o indivíduo não aprendeu a falar sobre isso.

Saber relatar o que sentimos definitivamente não é uma habilidade inata. Ninguém nasce sabendo falar sobre os seus sentimentos e esta não é uma habilidade tão simples de ser aprendida. É a comunidade verbal que, através de perguntas e inferências, nos ensina a relatar o que sentimos – fazendo o possível para driblar a privacidade destes eventos (GRANDI, 2015, p. 1-2).

Desde pequenos, as pessoas são reforçadas ou punidas quando emitem determinado comportamento. A aprendizagem se dá por mediação dos adultos, os quais ensinam por meio do que lhes é visível (eventos públicos), nomeando o que é sentido por intermédio de associações entre sentimentos e ações (GRANDI, 2015).

Já quando o relato é punido e desvalidado, ensina-se o outro a não expor seus sentimentos. Deste modo, “quando uma resposta é punida (neste caso, o relato sobre o que é sentido), todos os estímulos que estavam presentes no momento da punição, bem como a pessoa que pune, tornam-se estímulos aversivos condicionados” (SKINNER apud GRANDI, 2015, p. 3).

Contextualizando o que foi exposto acima, é possível notar que as exposições verbais da protagonista sobre si própria são punidas em dois principais momentos: quando leva indiretamente à turma o tema suicídio e alguns colegas a julgam; e quando Hannah procura Sr. Porter e recebe orientações.

Durante o decorrer da história, observa-se que Hannah não possui pessoas em quem pode confiar para trocar experiências e dividir vi-

vências. Todas as suas tentativas de aproximação e estabelecimento de laços afetivos foram frustradas, enfraquecendo e estreitando ainda mais sua rede de apoio. Notou-se, também, que a relação familiar da personagem estava bastante debilitada, sendo que estes poderiam ser importantes agentes de apoio e de proteção. Hannah cita, em um momento, que sabe que seus pais a amam, mas que o relacionamento entre eles não estava fácil, pois encontravam-se com dificuldades no trabalho. Diz, ainda, que eles começaram a ficar distantes, que estavam enfrentando muita pressão, que ainda conversavam com ela, mas não como antes e que sua mãe sequer notou quando ela cortou o cabelo (logo após o encontro com Marcus).

Ao ler a obra, é perceptível que a personagem exprime comportamento de culpabilizar os outros pelo seu próprio sofrimento, não se responsabilizando pela sua vida e pelas suas decisões, sendo que gravar as fitas foi a maneira que encontrou de expressar o que sentia e o que guardou para si, além de ser um instrumento de punição para as pessoas que Hannah acredita que sejam os “porquês” de seu suicídio.

A personagem também mantém um repertório de comportamentos passivos, permissivos e de aceitação que se repetem frente a cada evento. Del Prette e Prette apud Comodo et al. (2013) caracterizam

os comportamentos passivos como aqueles em que a pessoa tem dificuldade de expressar o que sente, fugindo ou se esquivando da situação aversiva, portanto, produzindo consequências positivas e negativas imediatas (reforçamento negativo em relação ao mal estar produzido pela situação, mas também falha em obter os resultados desejáveis da tarefa social) e, além disso, prováveis consequências negativas de médio e longo prazo (DEL PRETTE; PRETTE apud COMODO et al., 2013, p. 111).

Diante do que foi discutido até o momento, identifica-se que Hannah apresentava diversos fatores de risco em seu contexto social, a maioria relacionados à violência sexual e ao bullying.

Nesse sentido, de acordo com o TJDF - Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios,

Violência sexual - É todo ato, jogo ou relação sexual, de natureza erótica, destinado a bus-

car o prazer sensual (com ou sem contato físico, com ou sem o emprego da força física), heterossexual ou homossexual, tendo como finalidade estimular sexualmente a criança ou o adolescente ou utilizá-lo para obter uma estimulação sexual para si ou para outra pessoa (TJDFT, 2013, p. 2).

Diversas sequelas podem ser observadas em vítimas de violência sexual, como ansiedade, sintomas depressivos, dificuldade em relacionamentos interpessoais, isolamento social, perda de interesse nas atividades, agressividade, bem como o desenvolvimento de diversos transtornos mentais (SERAFIM et al., 2011). Spizzirri (2017), ainda cita como consequências baixa autoestima, sentimento de culpa e traz que o abuso tem sido considerado um fator de risco para tentativas de suicídio.

Deste modo, um exemplo de violência sexual sofrida pela personagem é relatado por ela na penúltima fita. Observa-se também que, neste momento, Hannah já se encontrava em intenso sofrimento, mantinha comportamentos passivos e de aceitação, relatando já ter desistido de si mesma.

Outro aspecto identificado com clareza durante a leitura do livro é o assédio sexual, o qual “consiste numa manifestação sexual, alheia à vontade da vítima, sem o seu consentimento, que lhe cause algum constrangimento, humilhação ou medo” (PAES, 2017, p. 1). Observa-se a presença deste fator quando Hannah é tocada por Marcus durante um encontro em uma sorveteria e quando Bryce a apalpou em uma loja de conveniência. Diante do ocorrido com Marcus, nota-se que foi a única vez em que a protagonista reagiu, o afastando. Já com Bryce, ela mostrou-se incomodada, mas não se impôs, apenas ignorou a situação e se retirou do lugar.

Além disso, sabendo que a vida de um adolescente está diretamente vinculada ao contexto escolar, um dos principais fenômenos associados à busca pelo suicídio nessa faixa etária é o bullying, caracterizado por ações de caráter pejorativo, frequentemente realizados neste ambiente (RIVERS; NORET apud BRAGA; DELL'AGLIO, 2013). Uma série de efeitos podem ser causados por meio dessa prática, principalmente relacionadas à autoestima e à auto-percepção, o que reflete em diversos contextos além da escola. Em várias fitas este elemento é identificado, como, por exemplo, na atitude de Justin, ao inventar histórias acerca do primeiro

beijo de Hannah, na lista de “a melhor bunda do primeiro ano” feita por Alex, nas invenções de Courtney sobre os objetos misteriosos guardados na gaveta da protagonista, no roubo dos feedbacks depositados no saquinho de papel de Hannah e no furto do poema da personagem.

O gatilho da decisão de Hannah também se deu a partir do despreparo profissional de quem a atendeu. No livro, a última tentativa de reação de Hannah foi procurar o orientador escolar na esperança que esse soubesse lhe ajudar. A tentativa foi frustrada devido a este não ter sabido como lidar com as situações que Hannah apresentou, não conseguiu identificar o risco real de suicídio nas suas falas, o que demonstra um despreparo do profissional para lidar com esse tema. A Organização Mundial de Saúde (2000) elaborou um manual para professores e educadores sobre prevenção do suicídio, o qual cita que “o equilíbrio a ser alcançado no contato com o estudante suicida está em algum ponto entre a distância e a proximidade, e entre empatia e respeito” (OMS, 2000a, p. 19), diz, ainda, que os profissionais devem estar sensíveis às mudanças de comportamento dos alunos, como diminuição repentina das notas e interesse escolar, sintomas depressivos, faltas recorrentes, entre outros. Para avaliação do risco, deve-se atentar à ocorrência de tentativa prévia de suicídio, histórico de depressão e as situações de risco a que o jovem está exposto.

Os profissionais escolares devem estabelecer um diálogo acolhedor quando reconhecem um jovem em risco de suicídio, a fim de promover a confiança. A comunicação neste processo é muito importante, normalmente adolescentes nessa situação já tem problemas em comunicar-se com outras pessoas, “isto porque elas geralmente tiveram durante o seu desenvolvimento, relacionamentos de pouca confiança com seus familiares e colegas, e também vivenciaram uma falta de interesse, respeito ou até amor” (OMS, 2000a, p. 23). Ainda de acordo com o manual, o mais importante é acolher o jovem com empatia, ouvi-lo com atenção e se mostrar disponível para ajudá-lo em suas dificuldades, fazendo encaminhamentos a outros profissionais quando necessário.

Portanto, analisa-se que Hannah apresentava um déficit de repertório para lidar com situações aversivas, bem como o contexto de sofrer bullying era muito intenso. Sendo assim, a junção desses diversos fatores culminaram em um grande sofrimento, fazendo com que a

personagem visse o suicídio como única forma de resolução de problemas. Deste modo, fica evidente que o comportamento de suicídio de Hannah teve como função acabar com sua dor e ser ouvida, ou seja, estas foram contingências reforçadoras em sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para analisar de maneira precisa o suicídio da protagonista seria necessário observar uma série de aspectos que não são apresentados no livro, tais como: sua história de vida; como a personagem aprendeu a lidar com contingências aversivas e a respondê-las; como ela enxerga seu futuro e suas possibilidades e; o que ela sabe sobre a morte e sobre as consequências do suicídio para quem o consuma (SAM-PAIO, 2012).

Dessa forma, na Análise do Comportamento, para compreender um comportamento, mesmo complexo como o suicídio, é necessário analisar as contingências que interferem na ocorrência deste, a fim de identificar como as variáveis e seu contexto de vida influenciaram a decisão pelo suicídio.

Sabe-se que falar sobre suicídio ainda é um tabu para a grande maioria das pessoas, no entanto, os meios de comunicação acabam exercendo grande influência em assuntos gerais e também sobre suicídio. Muitas vezes, a forma como é apresentado e discutido em notícias, livros, filmes e tantos outros modos de divulgação, acaba favorecendo ou apontando como uma possibilidade para a resolução de problemas (OMS, 2000a).

De acordo com Loureiro, Moreira e Sachside (2013), em um estudo realizado em 27 estados brasileiros, “observa-se que o índice de mídia é o terceiro motivador de suicídios, depois do desemprego e da violência, para todos os grupos de pessoas” (LOUREIRO; MOREIRA; SACHSIDA, 2013, p. 5).

Nesse contexto, foi criado pela OMS, em 2000, um manual que expõem formas de abordar o tema na mídia, a fim de orientar os profissionais da área, favorecendo uma reflexão acerca do impacto desta na ocorrência de suicídios. O manual cita que “a maneira como os meios de comunicação tratam casos públicos de suicídio pode influenciar a ocorrência de outros suicídios” (OMS, 2000b, p. 3).

Um exemplo clássico a ser citado é o livro; “Os sofrimentos do Jovem Werther”, de

Johann W. von Goethe, publicado em 1774, em que o personagem principal da obra comete suicídio por apaixonar-se e não ser correspondido. Após a publicação do livro, houve uma série de suicídios relacionados à obra, sendo que algumas vítimas foram encontradas portando o livro (ALMEIDA, 2000). Mais tarde, esse fato histórico foi denominado por Phillips apud Almeida (2000) como Efeito de Werther.

Ainda de acordo com o manual para profissionais da mídia (OMS, 2010), ao retratar o suicídio, não se pode publicar cartas suicidas, informar detalhes do método utilizado, apontar o suicídio de forma gloriosa ou atribuir culpa a outrem, dentre outras orientações.

Jay Asher, o autor, vai contra tais orientações ao escrever o livro “Os 13 porquês”. As fitas tornaram-se instrumento para culpabilizar outras pessoas pelo suicídio de Hannah, além de apresentar o método utilizado pela protagonista para cometer suicídio.

De forma semelhante ao livro de Goethe, “Os 13 porquês” conta a história da personagem de forma romantizada, deixando implícito que o suicídio pode ser uma forma eficaz ou a única possibilidade de resolver os conflitos da vida. No caso de Hannah, é possível constatar que ela apresentava um déficit de repertório para lidar com as situações aversivas.

O livro pode ser considerado uma via de mão dupla, já que a sua popularização contribuiu com o rompimento de paradigmas que impediam o diálogo, a reflexão e a discussão acerca do tema. Nesse sentido, essa visibilidade sobre o assunto é importante para desnaturalizar e interromper práticas que podem causar sofrimento em outra pessoa. Em contrapartida, é necessário entender o suicídio como responsabilidade de quem o consumou, reconhecendo-o como a melhor maneira que tal indivíduo encontrou para lidar com determinada situação, mesmo que agindo desta forma estivesse descartando as outras diversas possibilidades que poderiam ser bem sucedidas (KOVACS, 2017).

Nesse sentido, Skinner (2000) salienta que uma falha “nem sempre é um erro, pois pode ser simplesmente o melhor que se pôde fazer em determinadas circunstâncias” (SKINNER, 2000, p. 129). Deste modo, o suicídio é um processo complexo e este não pode ser interpretado como resultado de um fracasso, mas deve ser entendido como a melhor opção do sujeito naquele momento, a melhor forma que encontrou para lidar com as contingências aversivas

de sua vida.

Além disso, como discutido neste artigo, alguns recursos podem ter a função protetiva em casos de comportamentos suicidas, entre eles: a autoestima positiva, uma rede de apoio eficaz, a percepção sobre o momento que é necessário pedir ajuda, bem como a compreensão de que há outras possibilidades além desta e que novas experiências e vivências podem ser produzidas a partir destas (WERLANG et al. apud SCHLOSSER; ROSA; MORE, 2014). A protagonista do livro parece não enxergar possibilidades além do suicídio, mostrando-se inerte aos diversos acontecimentos de sua vida, aceitando boatos e mentiras sobre si mesma, estreitando cada vez mais sua rede de apoio, expandindo seu desconforto e seu sofrimento.

Neste contexto, a Psicologia propõe que seja criado um ambiente de escuta, empatia, validação do indivíduo em tal situação, a fim de que ele se sinta seguro e amparado em psicoterapia. Além disso, este espaço deve favorecer uma compreensão íntegra sobre a história de vida da pessoa, sobre os motivos que a levaram pensar em suicídio, um entendimento da cultura e das crenças do sujeito, um diálogo sobre a relação entre pensar, sentir e reagir do indivíduo, além de contribuir para a tomada de consciência sobre novas possibilidades, desenvolvendo habilidades de enfrentamento, de resolução de conflitos e de comunicação, com o intuito de mostrar alternativas para solucionar seus problemas (OFICINA DE PSICOLOGIA, 2011).

REFERÊNCIAS

- ABASSE, M. L. F. et al. Análise epidemiológica da morbimortalidade por suicídio entre adolescentes em Minas Gerais, Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 14, n. 2, p. 407-416, abr. 2009.
- ALMEIDA, A. F. Efeito de Werther. **Análise Psicológica**, v. 18, n. 1, p. 37-51, 2000.
- ASHER, J. Os 13 porquês. São Paulo: Ática, 2009. 256 p.
- ABP. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. **Suicídio: informando para prevenir**. Brasília: CFM/ABP, 2014. 52 p.
- BANACO, R. A. Adolescentes e Terapia Comportamental. In: RANGÉ, B. (Org.). **Psicoterapia Comportamental e Cognitiva: pesquisa, prática, aplicações e problemas**. São Paulo: Psy II, 1995. p. 143-148.
- BANACO, R. A. Um levantamento de fatores que podem induzir ao suicídio. In: GUILHARDI, H. J. et al. (Org.). **Sobre comportamento e cognição**. Santo André: ESETEC, 2001. p. 210-217.
- BENINCASA, M.; REZENDE, M. M. Tristeza e suicídio entre adolescentes: fatores de risco e proteção. **Bol. Psicol.**, v. 56, n. 124, p. 93-110, jun. 2006.
- BETTIO, C. D. B.; LAURENTI, C. Contribuições de B. F. Skinner para o estudo do desenvolvimento humano. **Acta Comportamentalia**, v. 24, n. 1, p. 95-108, abr. 2016.
- BOTEGA, N. J. **Comportamento suicida: epidemiologia**. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v25n3/0103-6564-pusp-25-03-0231.pdf>>. Acesso em: 06 nov. 2017.
- BRAGA, L. L.; DELL'AGLIO, D. D. Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. **Contextos Clínic**, v. 6, n. 1, p. 2-14, jun. 2013.
- BRASIL. Portaria n. 1.876, de 14 de agosto de 2006. Define diretrizes nacionais de prevenção ao suicídio. **Diário Oficial da União**, n. 12758, 15 ago. 2006.
- CASEIRO, S. C. **Mediação da depressão na relação entre o funcionamento familiar e comportamentos desviantes e ideação suicida em jovens adolescentes**. 2016. 112 f. Tese (Mestrado em Ciências Psicológicas e Sociais) - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa, 2016.
- COMODO, C. N. et al. Literatura e assertividade: comportamentos da personagem Emília do Sítio do Pica-pau Amarelo. **Interação em Psicologia**, v. 17, n. 1, p. 109-116, nov. 2013..
- CFP. CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Suicídio e os desafios para a psicologia**. 1. ed. Brasília: CFP, 2013. 152 p.
- ESCÓSSIA, F. Crescimento constante: taxa de suicídio entre jovens sobe 10% desde 2002. **BBC Brasil**, Rio de Janeiro, 22 abr. 2017. Disponível em: <<http://www.bbc.com/>

- portuguese/brasil-39672513>. Acesso em: 11 ago. 2017.
- FERNANDES, L. F. B. et al. Eventos aversivos e depressão na adolescência: relato de caso. **Rev. Bras. Ter. Cogn.**, v. 4, n. 1, jun. 2008.
- GIL, M. S. C. A.; OLIVEIRA, T. P.; SOUSA, N. M. Desenvolvimento humano. In: HÜBNER, M. M. C.; MOREIRA, M. B. (Org.). **Temas clássicos da Psicologia sob a ótica da análise do comportamento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012. p. 129-143.
- GONCALVES, P. I. E.; SILVA, R. A.; FERREIRA, L. A. Comportamento suicida: percepções e práticas de cuidado?. **Psicol. hosp.**, v. 13, n. 2, p. 64-87, ago. 2015.
- GRANDI, P. Quando é difícil falar sobre o que sentimos. **Comporte-se**. 2015. Disponível em: <<http://www.comportese.com/2015/06/quando-e-dificil-falar-sobre-o-que-sentimos>>. Acesso em: 21 ago. 2017.
- KOVACS, M. J. Suicídios – tantos porquês. *Jornal da USP*, São Paulo, 09 mai. 2017. Disponível em: <<http://jornal.usp.br/artigos/suicidios-tantos-porques/#>>. Acesso em: 10 jul. 2017.
- LOUREIRO, P. R. A.; MOREIRA, T. B.; SACHSIDA, A. **Os Efeitos da Mídia Sobre o Suicídio**: Uma Análise Empírica para os Estados Brasileiros. Rio de Janeiro: IPEA, 2013. 72 p.
- MARTINS, P. O.; TRINDADE, Z. A.; ALMEIDA, A. M. O. O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. **Psicol. Reflex. Crit.**, v. 16, n. 3, p. 555-568, 2003.
- MEYER, S. B. Análise Funcional do Comportamento. In: COSTA, C. E.; LUZIA, J. C.; SANT'ANNA, H. H. N. **Primeiros Passos em Análise do Comportamento e Cognição**. Santo André: ESETEC, 2003. p. 75-91.
- MINAYO, M. C. S. Suicídio: violência autoinfligida. In: SOUZA, E. R.; MINAYO, M. C. S. (Org.). **Impacto da violência na saúde dos brasileiros**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. p. 205-233.
- MOREIRA, M. B.; HANNA, E. S. Bases filosóficas e noção de ciência em Análise do Comportamento. In: HÜBNER, M. M. C.; MOREIRA, M. B. (Org.). **Temas clássicos da Psicologia sob a ótica da análise do comportamento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012. p. 01-19.
- MOREIRA, M. B.; MEDEIROS, C. A. **Princípios básicos de Análise do Comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2007. 127 p.
- NÓBREGA, L. G.; BUENO, G. N. Anorexia nervosa e tentativa de suicídio pela perspectiva da análise do comportamento. In: VÍCHI, C. et al. (Org.). **Comportamento em foco 3**. São Paulo: ABPMC, 2014. p. 25-41.
- OFICINA DE PSICOLOGIA. Suicídio. *Oficina de Psicologia*, 2011. Disponível em: <<https://oficinadepsicologia.com/suicidio-2/>>. Acesso em: 11 jul. 2017.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Prevenção do suicídio: manual para professores e educadores. Genebra: OMS, 2000a. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/66801/5/WHO_MNH_MBD_00.3_por.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2017.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Prevenção do suicídio**: um manual para profissionais da mídia. Genebra: OMS, 2000b. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/67604/7/WHO_MNH_MBD_00.2_por.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2017.
- ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Grave problema de saúde pública, suicídio é responsável por uma morte a cada 40 segundos no mundo. **Organização Pan-Americana de Saúde**, Brasília, 9 set. 2016. Disponível em: <http://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5221:grave-problema-de-saude-publica-suicidio-e-responsavel-por-uma-morte-a-cada-40-segundos-no-mundo&Itemid=839>. Acesso em: 30 jun. 2017.
- PAES, F. D. R. No que consiste o assédio sexual. *Estadão*, São Paulo, 19 abr. 2017. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/no-que-consiste-o-assedio-sexual/>>. Acesso em: 14 ago. 2017.
- SAMPAIO, A. A. S. Sobre o Suicídio: Relação com a Depressão? *Comporte-se*, 2012. Disponível em: <<http://www.comportese.com/2012/10/>>

sobre-o-suicidio-relacao-com-a-depressao>. Acesso em: 02 jul. 2017.

SCHLOSSER, A.; ROSA, G. F. C.; MORE, C. L. O. O. Revisão: comportamento suicida ao longo do ciclo vital. **Temas psicol.**, v. 22, n. 1, p. 133-145, abr. 2014.

SENNA, A. C. B. M. et al. Suicídio: diversos olhares da Psicologia. **Boletim de Iniciação Científica em Psicologia**, v. 5, n. 1, p. 77-92, 2004.

SERAFIM, A. P. et al. Dados demográficos, psicológicos e comportamentais de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. **Rev. psiquiatr. clín.**, v. 38, n. 4, p. 143-147, 2011.

SKINNER, B. F. **Para além da liberdade e da dignidade**. 17. ed. Lisboa: Edições 70, 2000. 184 p.

SOUZA, C. M. G.; REIS, M. Os efeitos da punição sobre o comportamento de crianças e adolescentes. **Rev. de Psic.** [online], n. 2, p. 8-12, jul. 2012. Disponível em: <<http://npa.newtonpaiva.br/psicologia/e2-06-os-efeitos-da-punicao-sobre-o-comportamento-de-criancas-e-adolescentes/>>. Acesso em: 01 set. 2017.

SPIZZIRRI, G. Consequências do abuso sexual ao longo do crescimento. **Rev. Psique** [online], n. 130, mar. 2017. Disponível em: <<http://psique.uol.com.br/consequencias-do-abuso-sexual-ao-longo-do-crescimento/>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

TJDFT. TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO DISTRITO FEDERAL E DOS TERRITÓRIOS. Violação dos direitos da criança e do adolescente. Brasília: Poder Judiciário da União, 2013. Disponível em: <<https://www.tjdft.jus.br/cidadaos/infancia-e-juventude/publicacoes/colecao/situacaoRisco.pdf/view>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

ZORTEA, T. Suicídio: observações sobre a tragédia de não mais querer viver. **Comporte-se**, 2015. Disponível em: <<https://www.comportese.com/2015/09/suicidio-observacoes-sobre-a-tragedia-de-nao-mais-querer-viver>>.

ANÁLISIS DE LIBRO “OS 13 PORQUÊS”: UNA DISCUSIÓN SOBRE EL SUICIDIO BAJO LA PERSPECTIVA ANALÍTICO COMPORTAMENTAL

RESUMÉN: Este trabajo tiene como objetivo comprender el comportamiento del suicidio a través de la óptica de Análisis del Comportamiento. Para esto, fue utilizada la literatura del libro “Os treze Porquês”, que cuenta la historia de una adolescente que se suicida. Según, el Análisis del Comportamiento, las variables ambientales afectan la forma como el individuo se comporta en el mundo, el contexto de que se hace parte tiene una importante influencia en la constitución de la historia de vida del sujeto. En la obra analizada, la protagonista vive algunas situaciones aversivas que terminan en llevarla al contexto del suicidio, tales como el “bullyng” (acoso escolar) y la violencia sexual, que culminaran en vivencias de sufrimiento intensas. Se observó también que la adolescente no presentaba repertorio de enfrentamiento, pedidos de ayudas más explícitos, además de no tener una red de apoyo afectiva para ampararle en sus dificultades, hecho que también hizo más grave su estado de sufrimiento, culminando en el suicidio.

PALABRAS-CLABE: Adolescencia; Suicidio; Análisis del Comportamiento; Análisis Funcional; “Os 13 Porquês”.